

Dr. David Turner, Evangelho de João, Sessão 21, Gênesis 1 e João 1

© 2024 David Turner e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. David Turner em seu ensinamento sobre o Evangelho de João. Esta é a sessão 21, Gênesis 1 e João 1.

Olá, agora completamos nossos vídeos sobre João capítulo por capítulo e teremos no final do conjunto de vídeos algumas sessões sobre a teologia bíblica do Evangelho de João. O primeiro intitulamos Gênesis 1 e João 1. Estamos tentando explorar a intertextualidade entre João 1, uma vez que alude a Gênesis 1 e compreender a natureza do logos em João 1 e apenas a doutrina da criação como é ensinado lá.

É evidente para mim que quando João se refere ao capítulo 1 de Gênesis, ele não está simplesmente tentando nos dizer que Jesus, a palavra de Deus no Novo Testamento, é o criador do Antigo Testamento. Ele está tentando desenvolver essa doutrina da criação para nos ensinar que Jesus está renovando o mundo original tal como foi criado. Ele está recriando o mundo, por assim dizer, derramando não apenas a luz originalmente sobre ele, mas renovando o mundo através da luz do Evangelho que está centralizado nele.

Então, estarei lendo este artigo no computador, então peço desculpas pela falta de contato visual constante. Espero que o conteúdo seja suficiente para superar a falta de uma boa apresentação. Estudar o capítulo 1 de João à luz do capítulo 1 de Gênesis exige que pensemos sobre todos os aspectos históricos, linguísticos, culturais e teológicos que estão envolvidos na disciplina da exegese.

A recente ascensão da exegese teológica como alternativa à exegese estritamente histórica desafia qualquer abordagem dos textos bíblicos que pretenda tratá-los a partir de um método estritamente objetivo e chegar a conclusões com valores neutros, independentemente de qualquer contribuição da história da exegese do cânon como um todo, tanto Antigo Testamento como Novo Testamento. Para mim, pessoalmente, também é impossível e desaconselhável ler o Antigo Testamento sem ter consciência e ser influenciado pelo uso que o Novo Testamento faz dessas escrituras seminais. Então, tento reconhecer minhas predisposições e aplicá-las conscientemente durante o processo exegético.

Procuro compreender os efeitos do Antigo Testamento sobre o Novo, vendo o Novo Testamento como a parte oficial da história da interpretação do Antigo Testamento. O aspecto da exegese mais importante para este estudo pode muito bem ser o gênero da narrativa bíblica em geral e do Gênesis e do quarto Evangelho em particular. No que diz respeito à narrativa bíblica em geral, deve-se considerar como as narrativas retratam a história para fins teológicos.

No que diz respeito ao Evangelho de João em particular, deve-se recorrer a um texto que, nas palavras de Luke Timothy Johnson, seja estilisticamente simples, mas simbolicamente denso. Podemos ter algumas reservas quanto à descrição que Clemente faz de João como um evangelho espiritual, mas a sua distinção não pode ser negada. A sugestão de Don Carson de que espiritual pode significar alegórico ou mesmo carregado de símbolos parece ser um bom argumento.

Esta compreensão de João é decisiva para determinar uma questão a ser abordada aqui. Até que ponto João pretende uma teologia da nova criação ou da renovação da criação? Outra questão importante, especialmente na área da exegese do texto bíblico relacionado à criação, é o que John Walton chama de concordismo. Concordismo é o termo de Walton para uma abordagem imprudente que tende a ler as teorias científicas modernas, quaisquer que sejam, de volta aos antigos textos bíblicos, na suposição de que a própria Bíblia pretende falar diretamente às questões científicas atuais e que concordará com a atual Teoria científica.

O duplo problema do concordismo é que ele tende a minimizar a historicidade das Escrituras na sua tentativa de combinar o ensino das Escrituras com a teoria científica actual, cuja própria historicidade e natureza efémera são subestimadas no processo. Este estudo desenvolverá as alusões a Gênesis 1 encontradas em João 1 através de detalhes intertextuais e conexões temáticas que levam a uma teologia joanina preliminar da criação e da nova criação. Um estudo como este não pode esperar ser completo em nenhum sentido da palavra devido à densidade do próprio texto bíblico, para não mencionar a infinidade de literatura secundária sobre o texto.

Presumo que quaisquer que sejam os processos composicionais em jogo, o prólogo do Evangelho de João pretendia, em última análise, ser lido com o resto do quarto evangelho de uma forma mutuamente informativa como um todo canônico. Também estou assumindo a visão de muitos estudiosos recentes de que o ambiente principal do corpus joanino do Novo Testamento em geral e do prólogo joanino, em particular, é judaico e bíblico, em vez de gnóstico e filosófico. Mais especificamente, os textos seminais primitivos que estão por trás do prólogo joanino são Gênesis 1 e Êxodo 33 e 34, independentemente do que se possa dizer sobre a influência de outros textos judaicos que existiram no primeiro século da era comum.

Parece-me que o prólogo joanino é uma espécie de midrash implícito nestes dois textos principais, Gênesis 1 e Êxodo 33 e 34. Um breve comentário sobre se outros textos judaicos constituem intermediários literários plausíveis entre João 1 e Gênesis 1 é justificado. É claro que o quarto evangelho não foi escrito a partir de um vácuo, mas a partir de um antigo ambiente sócio-histórico.

Este meio provavelmente incluía textos que refletiam sobre Gênesis 1 de uma forma que o autor do quarto evangelho considerou útil. Esses intermediários literários

plausíveis, cujas ideias eram um tanto compatíveis com o ensino de João, incluiriam textos de sabedoria judaica semelhantes a Provérbios 8, textos como Sirach, Capítulo 24, Sabedoria, Capítulos 7 a 10, Baruch, Capítulos 3 e 4. A compreensão de Philo sobre logos e da noção targumica do memra de Deus , para não mencionar outras ideias judaicas, também seriam importantes para a compreensão deste texto. Apesar das semelhanças notáveis e esclarecedoras, fica claro que o logos joanino transcende essas entradas antecipatórias.

Assim, tendo apresentado o tópico, passamos para a nossa primeira parte principal do corpo do artigo, um levantamento das principais questões intertextuais. Uma pessoa bíblicamente alfabetizada que lê João 1 certamente notará ecos ou alusões a Gênesis 1. As mais óbvias estão no início, a descrição do Jesus pré-existente como a palavra, o próprio ato de criação, a palavra como vida, e as palavras justapostas luz e trevas. Então, pegaremos essas categorias que acabamos de mencionar, uma por uma.

Em primeiro lugar, a frase no início. É comumente observado que João 1:1 segue o modelo de Gênesis 1 e entende Jesus, a palavra que se tornou carne, como o agente da criação. Assim, na língua inicial de João 1.1 e 2, em arche em grego, ecoa Gênesis 1:1 na Septuaginta em arche como em João 1 e em hebraico, bereshit .

Então, primeiro, a frase, no início, bereshit , no Antigo Testamento. A palavra bereshit , começo, ocorre 51 vezes no Antigo Testamento em referência a começos ou primórdios de muitos tipos diferentes, incluindo o do reino de Nimrod em Gênesis 10, o início do ano em Deuteronômio 11, o reinado dos reis, Jeremias 26 e 27 e 28, o início do pecado, Miquéias capítulo 1, o início da discórdia, Provérbios 1:7, o início da sabedoria, Salmo 111, o início do conhecimento, Provérbios capítulo 1. Os filhos primogênitos são o início do vigor masculino de seu pai , de acordo com Gênesis 49 e outros textos do Antigo Testamento. Os primeiros frutos das colheitas são o início da colheita, conforme Êxodo 34 e outras passagens.

Metaforicamente, Israel é o primeiro, o arche em grego, da colheita de Deus, Jeremias capítulo 2, versículo 3 e outros textos. Eli foi censurado por consumir a parte escolhida das ofertas, que seria a primeira parte. A parcela dos levitas é a primeira ou a parte escolhida da terra, em Ezequiel 48, em comparação com Deuteronômio 33, versículo 21.

A sabedoria é o reshit , a primeira, a principal, ou a principal atividade da vida, de acordo com Provérbios capítulo 4, versículo 7. E o temor do Senhor é o começo da sabedoria, claro, em Provérbios capítulo 1, versículo 7, Provérbios 9, versículo 10, e Salmo 111, versículo 10. Em Gênesis 1:1, a palavra começo, reshit , em hebraico e na Septuaginta arche em grego, refere-se ao início do mundo como Deus o criou. Provérbios 8.22 é outro exemplo onde essas duas palavras se referem ao início do mundo, reshit em hebraico, arche na Septuaginta, a tradução grega.

Este texto será abordado posteriormente com mais detalhes, uma vez que sua referência à hokmah , ou sabedoria, de Deus, tem grande importância na discussão de Logos em João 1:1. Esses dois textos são os únicos usos indiscutíveis de reshit no Antigo Testamento para o início criado do mundo, embora esse significado também seja plausível, pelo menos em Isaías 46, versículo 10. Agora nos voltamos para o início no Novo Testamento. As 55 ocorrências da palavra arche, começando, no Novo Testamento carregam uma série de nuances relacionadas à prioridade temporal ou governamental.

Paulo usa a palavra para governantes humanos em Tito 3:1, mas com mais frequência para descrever autoridades angélicas hierárquicas em vários textos, incluindo Romanos 8:38 e Efésios 1, Colossenses 1. Arche mais comumente se refere ao início temporal de uma ação, um processo ou estado de ser. Tem havido muita discussão sobre seu uso em Marcos 1:1 para o início do evangelho de Jesus Cristo. Arche é frequentemente usado para descrever os primeiros dias do evangelho.

Textos como Lucas 1:2, João 8:25 e 15:27. Em Mateus 19:4, Jesus fala da criação dos humanos como homem e mulher como algo que aconteceu desde o início. Em Mateus 24:21, Jesus fala de problemas escatológicos que nunca aconteceram desde o início do mundo, ou desde a criação do mundo, ap' arches kosmou em grego. Em João 8:44, Jesus fala do diabo como um assassino ap' arches, desde o início.

como uma descrição de Jesus lançando os fundamentos do mundo, kath'arkas , de acordo com o início ou no início. 2 Pedro 3:4 fala de célicos que acreditam que tudo continua desde que existe, desde a criação ou o início da criação, ap' arches ktiseos . Judas 6 evidentemente descreve o status criado dos anjos que mais tarde se rebelaram, deixando seu primeiro estado ou seu próprio começo.

Judas 6. Arche também descreve Jesus em pelo menos duas passagens significativas, Colossenses 1:18 e Apocalipse 3:14. Colossenses 1:18 faz parte de uma série de predicções que exaltam Jesus como o filho amado de Deus que defende seu povo, que também representa Deus, cria e mantém tudo unido e lidera a igreja. Neste contexto, Jesus é arche, o começo, aquele através de quem todos os processos criativos e redentores começam. Da mesma forma, em Apocalipse 3:14, assim como arche ktiseos to theu , o início da criação de Deus, descreve Jesus como a causa originária da criação de Deus, talvez até enfatizando Jesus como a causa inicial da nova criação de Deus, bem como o original criação.

Outro termo intertextual chave aqui seria a ideia de palavra ou discurso de Deus. Então, este é o nosso segundo mandato. A palavra em João 1, o logos, alude à criação de Deus pela palavra no início de cada um dos seis dias.

Gênesis 1:3, 6, 9, 14, 20 e 24. Na tradução grega da Septuaginta do Antigo Testamento, *kai eipen ho theos genetheto* , e Deus disse que haja. Ou em hebraico, *vayomer elohim sim* . Deus disse que haja.

Esse tipo de linguagem falada é recorrente no contexto do terceiro dia, do quinto dia, do sexto dia e também no capítulo dois, versículo 18. Neste último texto, a criação da mulher por Deus segue seu discurso, *kai eipen kreos ha theos* , Septuaginta, e Deus disse, *vayomer Adonai elohim* em hebraico, e Deus disse que não é bom que o homem fique só. Uma referência adicional à fala de Deus ocorre no capítulo um, versículo cinco, quando no primeiro dia Deus chama, usando o verbo grego *kaleo* , em hebraico, *aqara* , ele chama a luz de dia e as trevas de noite.

A mesma linguagem é usada para as entidades criadas no segundo e terceiro dias. Mais tarde, Adão chama os nomes dos animais no capítulo um, versículo 19. Ele nomeia a mulher no versículo 23, e depois Eva no capítulo três, versículo 20.

Deus também pronuncia uma bênção sobre suas criaturas no quarto dia e sobre os humanos usando o termo grego *eulogaisin* . Portanto, temos vários termos diferentes para o discurso de Deus ali. No Antigo Testamento, a palavra de Deus é mencionada em muitos textos relevantes além das conexões verbais que podem ser diretamente traçadas entre Logos e João e a linguagem dos atos de fala de Deus em Gênesis 1. Por exemplo, a criação por palavra é enfatizada no Salmo 33, versículos seis e nove.

Em 33.6, a palavra e o sopro de Deus são agentes da criação sinônimos e paralelos. Em 33.9, há uma relação sinônima paralela entre a fala de Deus e a ordem de Deus como as causas imediatas da criação. Frequentemente, *debar adonai* , palavra do Senhor, vem como uma revelação aos profetas, prometendo libertação ou alertando sobre julgamento sobre Israel.

Textos como Salmo 107, versículo 20, Jeremias capítulo um, versículo quatro, Isaías capítulo nove, versículo oito, Ezequiel 33:7 e Amós 3:1. A palavra de Deus também governa de forma única o curso dos assuntos de Israel. Salmo 107, versículo 20, Salmo 147, versículos 15 a 20. Talvez o mais interessante seja que Isaías 55, 10 e 11, um texto ocasionalmente citado em conexão com João 1, retrata a palavra de Deus como o agente de Deus, que sem falha realizará tudo isso. ele pretende que isso seja realizado.

A sobreposição semântica e a continuidade teológica do *debar* de Deus, a palavra de Deus, e da Torá de Deus, sua lei, e da *hokmah* de Deus , sua sabedoria, não são difíceis de compreender. A literatura do Segundo Templo e a tradição rabínica posterior deram grande importância a essa continuidade e reflexão em textos bíblicos como Provérbios 3.19 e Provérbios 8.22-31. Tais textos exaltam a sabedoria como existindo antes da criação, em estreita relação com Deus e como tendo um

papel ativo na criação. No entanto, a própria sabedoria foi estabelecida de acordo com Provérbios 8:23. A palavra grega ali na Septuaginta é *etelemiosina*, Deus lançou o fundamento, Deus fundou a sabedoria, e um termo semelhante em hebraico também.

A sabedoria também nasce, nasce, Provérbios 8:25, evidentemente como a primeira criação de Deus. A este respeito, o *logos* em João, que criou tudo, e não apenas todo o resto, novamente aludindo à fraseologia em João 1:3, *panta negociado agenata*, tudo ocorreu através dele, *kai Koris autou ageneto oude galinha*, fora dele nada aconteceu, nada foi criado. Isto transcende enormemente a doutrina da sabedoria personificada como agente criativo de Deus.

Voltando ao Novo Testamento, no Novo Testamento *logos* é usado para vários tipos de comunicação ou cálculo divino ou humano, sejam declarações orais, ensinamentos, promessas ou mensagens escritas. Indiscutivelmente, o uso joanino de *logos* para Jesus preexistente também é encontrado em 1 João 1:1 e em Apocalipse 19:13. Além disso, uma leitura variante inicial em 1 João 5:7 liga o Pai e o Espírito à Palavra, não sugerindo que este seja um texto canônico nos manuscritos originais, apenas uma alusão inicial interessante a esta compreensão de Jesus como a palavra. O *ho logos* tou semi-personificado dinamicamente ativo *theou* em Hebreus 4:12, isto é, a palavra de Deus que é viva, ativa e penetra nos corações humanos, também pode ser relevante para esta conversa e discussão.

A alusão a Isaías 40:8 e 1 Pedro 1:25, que enfatiza a potência eterna da palavra de Deus, também é relevante e interessante. Em João 1:1, o *ho logos* como a personificação preexistente e última da auto-expressão de Deus transcende todas as referências anteriores à palavra comunicativa de Deus. Compare Hebreus 1:1 e 2. Conforme desenvolvido no quarto evangelho, a palavra tornar-se carne, *exegetas*, a palavra grega *exegesato*, revela, explica o Pai tão adequadamente que aquele que viu Jesus de acordo com 14:8 e 9 viu o pai.

Jesus desceu do céu, João 3:14, e faz a obra do Pai mesmo no sábado, de acordo com o capítulo 5, versículos 16-19. Moisés escreveu sobre Jesus e as palavras de Jesus são colocadas ao lado das de Moisés como a lei de Deus em João 5:45-47, mas Jesus, a palavra, existia antes mesmo de Abraão nascer e Abraão se alegrou ao ver o dia de Jesus quando a palavra se tornou carne de acordo com João 8 versículos 56-58. À medida que se torna carne o Verbo que foi amado pelo Pai antes da fundação do mundo, Jesus antecipa o seu regresso ao Pai e reza por aqueles que o seguiram.

Ele os descreve como aqueles a quem foi dada a palavra de Deus, que a guardaram e que precisam do seu poder santificador, João 17:6, 14 e 17. Um evangelho espiritual como o de João poderia até ser descrito como a palavra tornando-se carne. Estas referências também se referem às palavras de Jesus quando a palavra se torna carne.

Em qualquer caso, uma aparição de Jesus pós-ressurreição leva alguém que duvida a concluir que a palavra que se tornou carne é ele mesmo Senhor e Deus, ou seja, Tomé em João 20.28. Passando do logos ao próprio ato de criação. A descrição do ato da criação em João 1:3, *panta dei autou egeneto*, tudo foi criado ou aconteceu através dele, provavelmente alude a Gênesis 1:1. Na tradução da Septuaginta, lê-se, *epoiesen ho theos to ouranon*, Deus fez o céu e a terra, uma expressão semelhante na Bíblia Hebraica. Em João 1:3, *egenetheto ecoa* a Septuaginta que haja linguagem nos dias 1, 2 e 3. A palavra *genetheto*, que haja, ou *thetosan*, que seja colocado, capítulo 1, versículos 3, 6 e 14, e havia linguagem leve de Gênesis 1:3, *egenetheto fósforo*.

Referências adicionais à criação de Adão e Eva por Deus ocorrem em Gênesis 1:26, 27, 31, bem como no capítulo 5:1-2 e no capítulo 6:7. Então, primeiro vamos pensar no ato da criação no Antigo Testamento. Como observado acima, a palavra hebraica *bara* é usada diversas vezes em Gênesis 1 para designar a criação original do mundo. *Bara* também é usado para descrever a criação de indivíduos, condições e circunstâncias subsequentes em outros textos.

Ao todo, a palavra ocorre 54 vezes na Bíblia Hebraica. De especial interesse para este estudo é o uso de *bara* em contextos relacionados à transformação de indivíduos, textos como Salmo 51, versículo 7, e da própria criação, Isaías 4, versículo 5, 41:20, 45:8 e 65:17 e 18. Esta criação de novos céus e nova terra no último texto também envolve a futura criação do próprio Israel, de acordo com Isaías 43, versículo 1, versículo 7 e versículo 15.

Outra palavra é usada na Bíblia Hebraica para descrever a atividade criativa de Deus, nomeadamente a palavra *asah*. Esta palavra extremamente comum, bem mais de 2.500 vezes na Bíblia Hebraica, descreve muitos tipos de fazer e fazer. Em Gênesis 1:7, 11, 12, 16, 25 e 26, *asah* ocorre após os atos iniciais da fala divina, *vayomer elohim*, e Deus disse, depois que Deus fez isso, Deus fez aquilo.

Isso ocorre nos dias 2, 3, 4 e 6. Muitos outros textos bíblicos usam a palavra *asah* em referência à atividade de Deus, tanto em referência à criação original quanto à atividade providencial contínua de Deus. *Asah* também se refere a Deus criando Israel, textos como Deuteronômio 26, versículo 9, 32:6, Isaías 17:7 e textos adicionais. Também se refere a Deus realizando uma transformação pessoal no caso de Ezequiel 18:31.

Talvez o aspecto mais relevante de Gênesis 1 para João 1 seja a prevalência da sequência linguística da fala que leva à existência.

Seis vezes Deus fala, *vayomer elohim*, *yehi* ou, etc., Deus disse que haja luz, *septuagena eipen ho theos ... ageneto fósforo*. Cada vez a existência resulta desta fala de Deus. Depois que Deus diz em hebraico, *Yehi* ou, o texto diz *Vayehi* ou.

Deus disse, haja luz e houve luz. Em grego, na Septuaginta, Deus diz, egeneto Tathos , e depois temos Kai egenato Theos , aconteceu. A transição que marca o fim dos primeiros cinco dias repete a linguagem da existência e a torna ainda mais notável, capítulo 1, versículos 5, 8, 13, 19 e 23.

Agora olhamos para o ato da criação no Novo Testamento. No Novo Testamento, a palavra poieo , comumente usada na Septuaginta para traduzir tanto barah quanto asah em hebraico, também é usada para criação. Isso ocorre com mais frequência em textos do Novo Testamento que citam o Antigo Testamento, como Mateus capítulo 19, versículo 4 e textos semelhantes.

Outra palavra comum no Novo Testamento para criação é Ktidzo . Esta palavra é importante para a teologia da salvação do Novo Testamento como nova criação em textos como Gálatas capítulo 6, versículo 15, comparando a forma substantiva do verbo ktisis em 2 Coríntios 5:17. Também em Efésios 2:10, Efésios 2:15, 4:24 e Colossenses 3:10. No entanto, esta terminologia usando ktisis não é usada no Evangelho ou nas cartas de João.

Para o propósito deste estudo, o uso de ginomai em João 1:3 e 1:10 para descrever a atividade criativa de Deus é muito relevante. O uso de ginomai para criação parece ser quase único no Novo Testamento e sem dúvida pretende uma alusão ao uso frequente de haya , ginomai , haya no hebraico, ginomai na Septuaginta, em Gênesis 1:1 para descrever o ato criativo. A este respeito, é interessante comparar João 1:1 com João 8:58, onde a pré-existência de Jesus é contrastada com a origem passada de Abraão.

Príncipe Abraão genesthai , antes de Abraão existir, antes de Abraão nascer, ego eimi , eu sou. Outro aspecto específico da intertextualidade entre o Antigo e o Novo Testamento em João 1 e Gênesis 1 são as alusões à palavra vida. A menção de João de Jesus como a fonte da vida no capítulo 1, versículo 3, en auto zoe en , nele estava a vida, é em si uma alusão a Gênesis 1, onde, claro, a vida é central.

Em Gênesis 1:20 e 21, Deus cria seres aquáticos que fervilham, pássaros do céu e outras criaturas aquáticas, todas descritas como criaturas vivas, psukon zoson em grego e nephesh heya em hebraico. A mesma linguagem é usada no capítulo 1, versículo 24, para o gado e outras criaturas terrestres. No capítulo 1, versículo 28, é descrito o plano de Deus para que os humanos governem todos os seres vivos.

No capítulo 1, versículo 30, Deus dá plantas verdes como alimento para toda criatura que tem vida. Novamente, a palavra nephesh heya é usada. Os próprios humanos recebem o fôlego de vida, compare João capítulo 20, versículo 22, e eles se tornam criaturas viventes em Gênesis capítulo 2, versículo 7. Então, vamos pensar em como a vida é usada no Antigo Testamento.

Em muitos textos do Antigo Testamento, como o Salmo 89, versículo 47, e o Salmo 90, versículo 10, a vida é mencionada simplesmente no sentido físico. Mas muitos outros textos retratam o Deus de Israel como o Deus vivo. Deuteronômio 5:26, Josué 3:10, 1 Samuel 17:26 e passagens adicionais.

Este Deus vivo convida Israel a viver uma vida em relacionamento de aliança com ele, Deuteronômio capítulo 4, versículo 10; 12:1 e Deuteronômio 31:13. Neste contexto de aliança, Deus oferece a Israel a bênção da vida e da prosperidade se eles lhe obedecerem, e ele os adverte sobre a maldição da morte e da adversidade se eles o desobedecerem, Deuteronômio 31, versículos 15 a 20. A vida, então, não é simplesmente é uma questão de anos durante os quais uma pessoa vive, mas a vida também é uma questão qualitativa e relacional. Israel não vive só de pão, mas de tudo o que procede da boca de Deus, conforme Deuteronômio capítulo 8, versículo 3. Deus oferece a Israel uma transformação interior, a circuncisão do coração, que pode capacitá-los a amá-lo e assim viva para ele, Deuteronômio capítulo 30, versículo 6. A palavra da aliança de Deus com Israel é nada menos que a vida de Israel, de acordo com Deuteronômio capítulo 30, versículo 20, e 32, versículo 47.

Quem encontra sabedoria encontra vida, conforme Provérbios capítulo 8, versículo 35, e muitos outros textos de Provérbios. A este respeito, Deus é a fonte da vida de Israel, em cuja luz eles vêem luz, Salmo 36, versículo 9, comparado com Gênesis 2:10, Jeremias 2:13. Sem dúvida, isso se refere à vida física terrena, mas é a vida física terrena que é vivida em um relacionamento correto com Deus. Agora nos voltamos para a vida no Novo Testamento.

Tal como acontece com o Antigo Testamento, muitos textos do Novo Testamento falam de vida física simples, Atos 17:25. 20, versículo 10, Tiago 4:14. Muitos outros textos falam de um tipo de vida transcendente tornada possível por Deus em Cristo, Atos 11:18, 13:48, Romanos 6:4. Aqueles que não estão relacionados com Deus em Cristo estão afastados da vida de Deus, de acordo com 2 Coríntios 2:15 e 16 e Efésios 4:18. A vida em Cristo é possível porque Deus o ressuscitou dentre os mortos e enviou o Espírito aos crentes, Atos 3:15, Romanos 6:8 e seguintes e outros textos. Este tipo de vida é eterna porque contém uma promessa para o mundo vindouro, Mateus 19:16. Os textos joaninos também falam de momentos da vida num sentido meramente físico. Textos como João capítulo 10, versículo 11, 10:15, 10:17, João 12:25 e outros parecem falar apenas da vida física ou material.

Mas está claro que o uso que João faz desse tipo de linguagem é muito mais do que uma espécie de vida qualitativamente diferente, vivida em relacionamento com Deus e que dura até o escatón. Esta vida eterna é uma experiência presente dos crentes, mas pode ser comparada a já ter sido ressuscitado dentre os mortos, João capítulo 5:21 e versículos 24 e 25. Três das declarações eu sou de Jesus, *ego eimi*, referem-se à vida.

Ele é o pão da vida que desce do céu, 6:41, 48 e 51. Ele é a ressurreição na vida, João 11:25. Ele é o caminho, a verdade e a vida, João 14:6. Talvez o texto mais importante de João relativo a João capítulo 1, versículos 4 e 5, e, portanto, olhando para Gênesis capítulo 1, seja João capítulo 8, versículo 12, que justapõe vida e luz, embora em ordem inversa. Em João 1:4, Jesus como a vida vivifica e, assim, ilumina as pessoas.

Em 8:12, Jesus, como a luz do mundo, dá vida àqueles que o seguem. Em 1 João capítulo 1, versículos 1 a 7, há também uma associação de vida e luz com trevas e pecado como incompatíveis com vida e luz de uma maneira que é comparável ou semelhante ao evangelho de João capítulo 1, versículos 4 e 5, e para João 8:12. Outro tópico de intertextualidade entre João 1 e Gênesis 1 é a ideia de luz e trevas. Para João, a palavra como vida é simbolizada pela palavra como luz, capítulo 1, versículo 4. Kai he zoe Para o Phoston Antropon , a vida era a luz dos humanos.

A referência à luz e às trevas em João capítulo 1, versículo 5, a luz brilha nas trevas, alude a Gênesis capítulo 1, versículos 2 e 3, que diz na Septuaginta, kai skatos eponotas Abusu , kai eipen ha theos geneteito fósforo , kai egenetho fósforo . Em outras palavras, as trevas estavam na face do abismo, do abismo, e Deus disse: haja luz, e assim houve luz. Assim, quando olhamos para a luz e as trevas na Bíblia Hebraica em Gênesis 1, versículos 3 a 5, temos uma descrição do trabalho criativo do primeiro dia como a criação da luz, substituindo as trevas do capítulo 1, versículo 2, e iniciando a sequência de tardes e manhãs que marcam cada um dos primeiros cinco dias no capítulo 1, versículos 15 a 18.

Outros textos bíblicos associam a luz à criação e sustentação do mundo por Deus, Jó 38:19, Salmo 74, versículos 16 e 17, bem como Salmo 104, versículo 2. O cuidado de Deus por Israel é frequentemente expresso através da concessão de luz. A penúltima praga no Egito foram as trevas, enquanto somente os israelitas tiveram luz, de acordo com Êxodo capítulo 10, versículo 23. Deus conduziu os israelitas através do deserto dia e noite com as colunas de nuvem e de fogo, Êxodo 13:21, 14: 20, e outros textos que se referem a esses eventos.

A mobília do tabernáculo incluía a menorá e o castiçal para iluminação. Em Jó, a luz é uma metáfora de um entendimento dado por Deus para assuntos difíceis, em textos como Jó 12, versículo 22, versículo 25, Jó 30, versículo 26 e 38:15. Também parece referir-se à providência de Deus em Jó, capítulo 26 e versículo 10. Nos profetas, nos Salmos, Provérbios e Eclesiastes, a luz e as trevas são frequentemente metáforas do bem e do mal, da prosperidade e da adversidade, da bênção e do julgamento, e vencemos. não entrarei em detalhes de citar textos para isso.

Você pode encontrá-los se estiver interessado. Voltamo-nos para a luz e as trevas no Novo Testamento. Luz e trevas também são freqüentemente usadas metaforicamente no Novo Testamento.

Nos Evangelhos Sinóticos, o ensino de Jesus ilumina seus seguidores, Mateus 4:16, citando Isaías 9:2. Além disso, Mateus 5:14-16, Mateus 6:22-23, Lucas 2:32, aludindo a Isaías 42:6 e 49:6, assim como Atos 13:47. Em Atos 26:18, Paulo define seu ministério como aquele que transforma as pessoas das trevas para a luz, de Satanás para Deus, e o Novo Testamento e as primeiras nove epístolas frequentemente têm imagens semelhantes. Até Pedro usa essa imagem em 1 Pedro 2:9. O significado de luz e trevas em João 1:4-5 é complicado pela bem conhecida discordância de pontuação sobre *hōgēgonen* e *aconteceu*, que pode ser lida com o que precede ou com o que segue, como uma cláusula relativa que descreve *hen* em final do capítulo 1, versículo 3. Então, poderíamos ler, *kai korei autou egeneto oude hen hōgēgonen*, sem ele nada do que foi feito foi feito, como faz a NVI. Ou poderíamos lê-lo como *en auto*, como sujeito do verbo de ligação *en* no início do capítulo 1, versículo 4, *hōgēgonen en auto zoe hein*, o que aconteceu nele foi vida, e então considere o resto com o versículo seguinte.

A certeza de uma alusão a Gênesis 1:3 não é afetada por este debate, embora a nuance da alusão seja. Na primeira abordagem, lendo o texto, sem ele nada do que foi feito se fez, o alcance universal da criação da palavra é enfatizado de uma forma que distingue claramente a palavra de tudo o que foi criado. Nesta última abordagem, nada foi feito à parte dele, e o que aconteceu nele foi a vida, versículo 4. Ainda está claro que a palavra fez todas as coisas, mas a ênfase está mais na vida que ocorreu através da palavra do que na universalidade da criação da palavra.

Talvez a última visão apoie mais as implicações da nova criação em João, como veremos mais adiante neste estudo. Em suma, a decisão depende se *hōgēgonen* deve ser visto como relacionado com a criação ou com a encarnação. O corpus joanino como um todo usa a luz e as trevas frequentemente de uma maneira semelhante ao seu uso em 1.1.4.5. Não pode haver dúvida de que João usa a imagem do primeiro ato criativo em Gênesis 1.3 como uma metáfora central para a missão de Jesus.

Fica claro em 1:5.5, se não em 1:4, que a palavra é apresentada como a encarnação da luz que não é compreendida ou superada pelas trevas de um mundo caído. João Baptista não é a luz em si, mas é testemunha da iluminação autêntica que se encontra através da palavra. A partir daqui, a luz e as trevas ocorrem regularmente como metáforas do dualismo ético, começando com o capítulo 3, versículos 19 a 21, que liga a luz à fé que conduz à vida e as trevas à incredulidade que conduz ao julgamento.

A associação da realidade da vida e da palavra com a metáfora da luz em João 8:12 é especialmente significativa para a compreensão de João 1:4-5 como um texto da nova criação. Passando agora deste estudo dos detalhes da intertextualidade entre João 1 e Gênesis 1, começamos a tentar uma espécie de síntese, uma teologia bíblica

joanina de como a palavra, o logos, está relacionada com a criação. Primeiro, os logotipos e a criação original.

Não há dúvida de que João iniciou intencionalmente seu evangelho com diversas alusões ao capítulo 1 de Gênesis. Ao fazê-lo, ele afirmou que a palavra não existe apenas na criação, mas também é o criador. Fora dele nada foi feito, e sem ele nada, nada aconteceu. Esta afirmação repetitiva coloca a palavra como criadora tanto de forma positiva como negativa, não deixando qualquer dúvida sobre o assunto.

Nada passou a existir fora da palavra. As frases preposicionais tratadas para, através dele e quodius altu , além dele, expressa a atividade da palavra em relação à criação. Tudo isso foi através dele e nada disso aconteceu sem ele.

Através, neste contexto, refere-se à agência pessoal da palavra como criadora. Se tudo foi criado através da palavra que estava com Deus e que era Deus, a palavra que era Deus e que estava com Deus criou tudo. Nada surgiu independentemente da atividade da palavra.

A palavra não era uma divindade inferior a quem a tarefa da criação foi delegada por uma divindade superior, nem o trabalho criativo da palavra foi feito à parte do Pai e do Espírito Santo. O texto, portanto, fala inequivocamente sobre o papel direto da palavra como criadora, assim como textos como 1 Coríntios 8:6, Colossenses 1:18 e Hebreus 1:2. Falamos da palavra na criação original. Agora pensamos na palavra e na renovação da criação.

O magnífico prólogo do quarto evangelho apresenta o logos, a palavra, não apenas como o asarchos criador, mas também como o ensarchos revelador de Deus. Como asarchos , isto é, além de criador de carne em seu estado preexistente, Jesus criou o mundo. Como o ensarcho revelador de Deus como aquele em carne, o encarnado, Jesus veio para revelar Deus.

Se está claro que João 1 a 3 postula a palavra como o criador original de tudo, é igualmente claro que João 1 versículos 4 e 5 postula a palavra como reveladora de uma forma que valida uma latente teologia joanina da nova criação. Embora este último ponto não tenha sido frequentemente reconhecido pelos evangélicos como o primeiro, isto é, os evangélicos não têm notado tão regularmente uma doutrina da renovação da criação como têm uma doutrina da criação original neste texto, o retrato do logos como vida e luz legítima a noção de uma teologia joanina da salvação como renovação da criação. O que é comumente entendido como comunicado explicitamente por Paulo no gênero epistolar e argumento em textos como Romanos 5:12-21, Romanos 8:18-23, 2 Coríntios 4:3-7, 2 Coríntios 5:17, junto com talvez o interessante uso de Paulo em Gênesis, a renovação do mundo em Mateus 19.28. Este tipo de ensino também é comunicado pelo autor do quarto

evangelho, embora de forma mais implícita através da arte narrativa, e não numa simples linguagem em prosa.

Os comentários tendem a fazer observações isoladas sobre as implicações da criação de vários detalhes de João 1, mas tratamentos extensos do tema são relativamente incomuns. Certos comentários e estudos encontram sete dias em João 1:19 e seguintes, e estes são vistos como ecoando os sete dias da criação em Gênesis 1. Outros estudos encontram ênfase em um motivo de paraíso no evangelho, em textos como o capítulo 20, onde Maria Madalena é saudada pelo jardineiro, pensando que Jesus é o jardineiro, devo dizer, na manhã do domingo de Páscoa, no túmulo vazio. O resumo de Kostenberger sobre as implicações da criação depende de um estudo feito por Brown.

Aqui estou falando do Novo Testemunho do Evangelho e das Cartas de João de Andreas Kostenberger, publicado pela Zondervan em 2009, bem como do artigo de Janine Brown, A Renovação da Criação no Evangelho de João, no Catholic Biblical Quarterly em 2010. O tratamento de Kostenberger enfatiza o motivo de luz e vida também no prólogo, mas também há breves tratamentos da teologia da nova criação no Livro dos Sinais, capítulo 1, versículos 19 a 12:50, e na Narrativa da Paixão, e até mesmo no Relato da Ressurreição. A professora Brown concentra-se na frase, no início, em João 1:1, também na vida como motivo em João, e no clímax de João, capítulos 20 e 21, onde encontra diversas alusões aos capítulos 1 e 2 de Gênesis. , ela também fala da ressurreição de Jesus, o que implica o início de uma nova semana da criação.

Embora Brown argumente o contrário, uma aplicação rigorosa dos critérios de Hay para determinar ecos válidos, isto é, ecos intertextuais do Antigo Testamento e do Novo, pode resultar na exclusão de algumas destas alusões sugeridas. Nem todos são igualmente convincentes à primeira vista. À primeira vista, depois da clara imagem comum entre Gênesis 1 e João 1, a alusão proposta a Gênesis 2,7 e João 20,22, onde Jesus sopra sobre os discípulos e seu sopro está envolvido na recepção do Espírito, em provável reminiscência de Gênesis 2.7, esta pode ser a alusão intertextual mais provável e significativa na passagem.

Finalmente, para tirar algumas conclusões sobre a relação entre Gênesis 1 e João 1, não pode haver dúvida de que o quarto evangelho retrata o Verbo como o criador de tudo o que veio à existência em Gênesis 1. Isto é demonstrado pelas numerosas alusões em João. 1 a Gênesis 1 que foram pesquisados acima. A agência direta e a criação da Palavra deveriam dar grande hesitação a qualquer um que propusesse uma teoria cristã das origens que postula um processo impessoal ou mecânico que diminui a agência da Palavra. Seja como for, João 1 não faz alusão a Gênesis 1 para fornecer argumentos para qualquer teoria atual das origens.

Gênesis 1 não é citado em João 1 para debater quanto tempo Deus levou para criar o mundo. Em vez disso, João 1 alude a Gênesis 1 a fim de fornecer o cenário fundamental a partir do qual o quarto evangelho deve ser entendido, traçando a história de Jesus até as suas raízes primitivas. O dualismo ético da luz e das trevas que é retratado na narrativa de João não pode ser totalmente compreendido sem o relato da criação de Gênesis 1 e 2. Assim como as trevas do mundo original foram iluminadas pela Palavra de Deus de acordo com Gênesis 1:3, deixe que haja seja luz, então as trevas que vieram a esse mundo em Gênesis 3 estão sendo iluminadas pela luz do mundo, João 1:4-5 e 8:12. Canonicamente falando, João 1:1-5 ocupa seu lugar em uma trajetória conceitual que começa em Gênesis 1 e 2. Prossegue através de Isaías 65 e 66, João 1, 2 Pedro 3 e atinge seu desfecho final em Apocalipse 21 e 22. .

O Verbo sem carne, o Verbo eterno criado no princípio, João 1:1, e o Verbo em sarkos , o encarnado, é o início exaltado da criação renovada. Jesus é o agente tanto da criação original quanto da nova criação.

Este é o Dr. David Turner em seu ensinamento sobre o Evangelho de João. Esta é a sessão 21, Gênesis 1 e João 1.